

Desfrute



***Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:
Desfrute***

Original: educacion.press/2017/10/19/terminos-y-mentalidades-disfrute/

Para que vivemos? Vivemos para viver, viver bem, viver melhor. Assim expressava Whitehead. Antes de explicar a resposta, gostaria de contá-los uma anedota: uma vez me fizeram uma pergunta: Para que serve a família? A resposta surgiu rapidamente: "A família não serve para nada". E para acabar de complicar tudo, disse: E se a fazemos depender do que pode vir a servir, então essa família não tardará nada em romper-se".

Tais comentários merecem uma explicação. Aparentemente, o que Whitehead disse e minha resposta à pergunta estão desconectados, mas na verdade se trata da mesma resposta. Começamos por tratar do tema família.

Gostaria de contar outra anedota, que está relacionada com a anterior. Uma boa amiga minha estava conversando com outras mães do colégio. Quando as crianças entraram na classe, algumas das mães ficaram conversando. Uma delas disse: "Vou me divorciar" e as outras perguntaram: "Por quê?", e a resposta foi a seguinte: "Meu marido e meus filhos já não reconhecem o que faço por eles", e minha amiga pensava no seu interior: "Ora, os meus tampouco". A mãe que ia divorciar-se seguia

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Portos e Caminhos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

raciocinando e justificando sua postura: "E ademais, às vezes, gritam comigo ", e minha amiga pensava: "Ora, pois o mesmo acontece comigo". A conclusão era lacônica: viver em família já não lhe servia para nada, logo, para que viver em família? Parece uma argumentação sensata, o que perdeu utilidade, para que continuar mantendo? Inclusive poderia ser uma falta de honestidade manter o que já não tem sentido. Com esta argumentação, minha amiga pensava: "Vou ver se eu também teria que me divorciar". Algo que não serve, que já não se desfruta, melhor deixá-lo morrer e não prolongar mais a sua agonia.

Não podemos dizer que houve falta de racionalidade ao raciocínio daquela mulher com planos de divórcio. Onde está o erro? Provavelmente alguns pensam que não existe o erro, porém, pessoalmente penso que sim. O erro foi pensar que se casou para "algo" distinto do simples fato de "estar casada". Pensava que se casava para "algo". Seguramente neste "algo" havia uma lista de bons propósitos, altos desejos e, sem dúvida, espírito de sacrifício para conseguir uma "família ideal". Não há porque negar a boa vontade da mulher em questão; ainda que também seja certo que a boa vontade não é suficiente.

Qual era o erro? Fazer que a família sirva para "algo". A família não serve para nada distinto de viver em família e, se fazemos com que sirva para "algo", colocamos data para caducar essa união, pois mais cedo ou mais tarde tudo deixa de servir para algo. Uma coisa é que o ser humano seja inteligente, e é, e que seja capaz de dar uma dimensão prática à maioria das coisas, e outra coisa é que a dimensão prática justifique a existência dessa realidade. O fato de viver em família pode trazer uma lista inumerável de potenciais benefícios, mas nenhum deles justifica o viver em família. Se algum dos potenciais benefícios são o que justificam a existência da família, ao desaparecer o benefício, é natural que os motivos para estar unidos desapareçam igualmente. Uma coisa é ganhar utilidade do viver juntos e outra coisa é viver juntos por utilidade. O primeiro é são, o segundo não.

É neste momento quando podemos introduzir o que dizia Whitehead, contextualizando-o ao tema da família: vivemos para viver em família, para viver bem em família, para viver melhor em família; e na filosofia de Whitehead, um termo fundamental é o desfrute, considero que para ele é de todos os sentimentos possíveis o mais importante.

Falando de Whitehead, alguém poderia pensar que me contradigo, já que ao reproduzir o pensamento da mulher com plano de divórcio dizia: É "algo que não serve, que já não se desfruta, melhor deixá-lo morrer e não prolongar a agonia". Foi

usada a palavra desfrute nos dois contextos, porém com significados distintos; então vale a pena explicá-lo. E, por outro lado, o que é isso de "viver bem, para viver melhor em família"?

Em um caso, o desfrute se associa ao prazer e bem-estar de uma situação agradável. O outro se associa ao desfrute da própria constituição.

Associar o desfrute ao prazer, ao bem-estar e ao agradável é a tendência mais natural, e desta associação, parece que o maior insulto que se pode fazer a alguém ou a algo, é considerá-lo chato: "a aula e a matemática ... são chatas" e não faltam pedagogos e neurocientistas que reafirmem uma e outra vez a importância de uma aula ser algo "estimulante".

Uma vez um professor me disse que dava suas aulas com a estrutura de anúncios de 20 segundos, já que as crianças parecem que não eram capazes de prestar atenção mais tempo. Tristemente, tudo isso me levou a entender a motivação como uma busca do "interruptor" que desperte a curiosidade do aluno. Um interruptor que é despertado sempre por algum estímulo exterior, como se a pessoa fosse uma máquina e tivéssemos que saber que botão apertar. Entendido assim o desfrute e a motivação não é de se estranhar que a família, os estudos, etc., sofram uma morte anunciada.

Whitehead associa o desfrute a contemplação da própria constituição do que ele chama de entidade atual. O autor fez sua proposta filosófica partindo da matemática e da física quântica. Na constituição de uma entidade, se dá uma convergência de passado, presente e futuro em um complexo entrelaçamento de relações, e aparece a maravilha de que algo é constituído e o desfrute é o sentimento a ser constituído.

Se com a permissão de Whitehead aplicamos isso ao matrimônio, o desfrute do matrimônio é o sentimento de surpresa associado ao fato de estarem juntos, da união de duas pessoas distintas estarem constituídas em uma, formando uma unidade. Que eu saiba, Whitehead não fez essa aplicação à família, se trata de uma licença pessoal. O desfrute assim visto é o desfrute de ver-se constituídos em unidade. Falta explicar o "viver bem, viver melhor em família". Não se entende em termos de prazer ou bem-estar, se não em termos de "maximizar a experiência" (usando a terminologia de Whitehead); neste caso, a experiência de ser um, de estar constituídos em unidade. O qual se traduz na intensificação das relações interpessoais no interior da família. Para isso se viveria: para a pessoa ser ela mesma



e para ser mais intensamente ela mesma. Esse é o bem e o melhor: estar cada vez mais unidos.

Obviamente, não tenho nada contra o prazer, o bem-estar ou o agradável. Porém, o prazer é mais prazeroso, o agradável é mais agradável e o bem-estar é o melhor-estar quando se experimenta desde a unidade da pessoa. Quando o prazer é sozinho, por exemplo o prazer de comer, é prazer, porém é pouco prazer se o comparamos com o prazer de comer a mesma comida rodeado de amigos. Já comentei em artigos anteriores "desde o menor nunca se alcança o maior e desde o maior, o menor reluz em todo seu esplendor".

Quando nesta sociedade se introduz o desfrute associado meramente ao prazer e ao bem-estar, se perverte o mesmo prazer. E este prazer acaba sendo chato. Que paradoxo! É possível entediar-se de prazer? Existe um prazer chato?

Uma vez estava em uma sauna com um amigo, precisamente o marido da minha amiga, e iniciamos uma conversa com outra pessoa que estava ali ocultando nossa identidade, pelo simples fato de levar uma discreta toalha que nos cobria. Me surpreendeu ver seu corpo perfeito, sua barriga de tanquinho comparada com a minha boia. O conhecido-desconhecido dirigia um grupo de discotecas e dizia sentir-se chateado de deitar-se com tantas garotas jovens que se ofereciam para trabalhar. Se sentia entediado de tanto prazer! Assim reportava ele.

Alguém pode entediar-se de prazer, porque a pessoa nunca deixa de ser pessoa e quando o desfrute não nasce da surpresa da constituição, acaba sendo entediante.

Podemos dissimular durante um tempo, porém não sempre. Podemos aguentar a respiração um pouco, mas logo acabamos respirando. Não podemos viver sem respirar. Da mesma forma, podemos entreter-nos com um desfrute pobre, porém como não podemos deixar de ser pessoas, o desfrute pobre acaba sendo aborrecedor, pois a pessoa necessita viver experiências de intimidade a intimidade e não uma mera relação de estimular o orgasmo.

Do contrário, alguém pode desfrutar somente em seu quarto, meditando, passeando ou contemplando com surpresa a mera existência; e lançar-se a maximizar essa experiência, isto é, intensificando as relações interpessoais que dão lugar à nossa existência. Visto assim, o desfrute é o maior sentimento.

Meus amigos continuam juntos, o que não evita que passem por situações complicadas, porém descobrir-se como unidade abre portas onde a falta de prazer



as fecha. Aristóteles dizia: "O homem feliz nunca será miserável", porque a felicidade, para Aristóteles, não é um sentimento (que é como se costuma considerar), e sim uma forma de vida que tem sentido por si mesma, não pelo que possa ocorrer depois. Rejeita-se assim toda a utilidade à felicidade, pois esta não serve "para" nada que não seja para esta forma de viver. Algo que sirva para outra coisa e não para o que é em si mesmo, não pode ser a felicidade. Vivemos para viver, viver bem, viver melhor. Vivemos pela relação interpessoal e não pode haver outro "para" que não seja intensificar a mesma experiência da relação interpessoal.

Ajude seu filho ou seu aluno a desfrutar de sua vida, não pelo que possa acontecer depois, e sim porque vale a pena viver pelo mero fato de estar juntos. Desfrute sua vida.